



A DISNEYFICAÇÃO EM MANHUAÇU - MG: O CASTELO DO CAFÉ

Autor: Igor David Silva

Orientador: Arthur Zanuti Franklin

Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º

Área de Pesquisa: Turismo e patrimônio cultural

Resumo: O café é uma bebida que movimenta grande parte do comércio de commodities no país. A economia em Manhuaçu, MG é voltada para a produção, beneficiamento e exportação do grão. Logo, devido a esse fato, foi criado um circuito turístico na região e Manhuaçu se inseriu através da edificação que ficou conhecida como Castelo do Café. Porém, essa edificação possui arquitetura extravagante, anacrônica e controversa, sem referência histórica com a produção cafeeira regional e local e sim, criando um pastiche com os castelos medievais presentes na Europa. No turismo, esse fato recebe o nome de “disneyficação”. Com isso, o objetivo desse trabalho é realizar uma análise crítica do Castelo do Café enquanto um produto da “disneyficação”. Para isso, realizou-se estudos sobre turismo predatório e turismo sustentável, disneyficação e a arquitetura vernácula cafeeira. Em segundo momento, analisou-se o Castelo do Café e o comparou com uma fazenda cafeeira de Manhuaçu mostrando o quanto sua arquitetura diverge da arquitetura tradicional das fazendas da Região das Matas de Minas.

Palavras-chave: Arquitetura e Urbanismo. Turismo. Café. Manhuaçu.

1. INTRODUÇÃO

O café, bebida proveniente de um fruto com origem nas altas terras da Etiópia, ficou conhecido na Europa como Vinho da Arábia. Feito a partir dos grãos torrados do cafeeiro e sendo uma bebida estimulante, é tradicionalmente consumido quente, mas podendo também ser consumido gelado. Sendo apreciada a cerca de mil anos, o café é capaz de fornecer maior força e vigor, assim se tornou uma bebida indispensável no dia a dia das pessoas.

O Brasil detém a maior produção de cafés do mundo, o país é responsável por cerca de um terço da produção mundial. A produção nacional é concentrada basicamente no sudeste do país, com exceção do Rio de Janeiro e tendo Minas Gerais como a maior produção do país. O café ainda está presente em alguns estados como Bahia, Paraná e Rondônia. Em 2018 nosso país produziu 3,5 milhões de toneladas de café.

A economia da região de Manhuaçu, município da Zona da Mata mineira e sede da Microrregião de Manhuaçu, com cerca de 91.000 habitantes é movimentada pela produção e venda do fruto. Com localização e geografia preponderante, produz cafés de qualidade diferenciada, que são reconhecidos e premiados em vários países, os famosos cafés especiais. Sendo que os pequenos produtores locais e regionais são pioneiros nessa produção.

Sendo um cultivo com predominância familiar, a produção proporciona uma maior diversidade de sabor, nuances e na experiência ao apreciar a bebida.

Com todas essas características que distinguem a região de Manhuaçu enquanto grande produtora de café, o município tenta inserir-se no cenário turístico utilizando do produto como meio de atração e fazendo parte do Circuito Turístico do Pico da Bandeira.

23 municípios fazem parte do circuito turístico, sendo eles: Alto Caparaó, Alto Jequitibá, Caiana, Caparaó, Caputira, Carangola, Durandé, Espera Feliz, Faria Lemos, Lajinha, Luisburgo, Manhuaçu, Manhumirim, Martins Soares, Mutum, Pedra Dourada, Reduto, Santana do Manhuaçu, São Francisco do Glória, São João do Manhuaçu, São José do Mantimento, Simonésia e Tombos.

Nele se destaca o Parque Nacional do Caparaó, onde está localizado o Pico da Bandeira, terceiro ponto mais alto do Brasil, além de vários outros locais que podem alavancar o turismo regional, levando o Circuito Turístico do Pico da Bandeira a um conhecimento em nível estadual e quiçá, nacional.

Porém, nessa corrida por uma parcela do turismo mineiro, construiu-se uma edificação que utiliza do nome do café, mas que não possui características que a relacionam com a produção cafeeira local e regional, essa edificação é conhecida como Castelo do Café.

Uma arquitetura extravagante, desconexa e controversa, a falta de referência histórica com a produção cafeeira regional e com arquitetura das fazendas, deixa a edificação sem a representatividade da palavra café no contexto histórico. O interior luxuoso não condiz com a modéstia das casas de fazenda.

Partindo dessas informações, observa-se que o Castelo do Café é resultado de uma busca desenfreada por inserir-se num cenário turístico, gerando um fenômeno conhecido como “disneyficação”.

A “disneyficação”, conceito criado por David Harvey (2000), é definida como um reencantamento da natureza como item de consumo e um objetivo central da mercantilização.

Alguns aspectos desse conceito envolvem, segundo o mesmo autor, uma fuga do mundo real, com o objetivo de entretenimento, utilizando-se de uma história inventada.

A “disneyficação” ocorre principalmente em locais que buscam trabalhar o turismo de forma irresponsável, não buscando relacioná-lo com a história e as comunidades locais, visando somente o lucro de pequena parcela da população. Essas características são relacionadas ao turismo de massa. A oposição ao turismo de massa é conhecida como turismo cultural ou desenvolvimento cultural do turismo.

Portanto, o objetivo desse trabalho é realizar uma análise crítica do Castelo do Café enquanto um produto da “disneyficação”.

Esse trabalho justifica-se devido a relevância que Manhuaçu possui no cenário mundial quando se trata de produção cafeeira e pela contemporaneidade das discussões de temas relacionados ao turismo cultural.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Turismo Predatório

O turismo corresponde a atividade de quem viaja ou permanece em lugar que não consiste em seu ambiente normal por não mais do que um ano consecutivo, em virtude de lazer ou trabalho (Cooper et al., 2001). Krippendorf (2003) compreende o turismo como uma necessidade de lazer exigida pelas sociedades pós-modernas funcionado como uma válvula de escape; uma “fuga” da rotina.

No século XXI, o turismo apresenta-se como uma atividade econômica em forte ascensão, ocupando um papel significativo na fonte de renda de vários países. De acordo com dados da Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2003, o turismo internacional dispõe uma taxa de crescimento anual de 4 a 4,5%, aproximando-se um número de 659 milhões de turistas, podendo atingir uma receita de cerca de 2 trilhões

de dólares. Referente a dados mais atuais da OMT (2019), A taxa de crescimento anual do turismo internacional se manteve nos 4% em relação ao ano anterior o valor é inferior aos crescimentos registrados em 2017 e 2018, porém o turismo segue crescendo dentro dos padrões, elevando o número de viajantes internacionais para 1,5 bilhão em 2019.

Porém, mesmo com esse lado econômico favorável, é plausível que a atividade turística de forma desordenada atue negativamente em relação à preservação dos destinos e provoque mais problemas do que benefícios à região, sendo conhecido como turismo predatório.

Entende-se por turismo predatório um conjunto de ações turísticas que ocorrem de modo irresponsável e desorganizado gerando impactos em âmbitos sociais, culturais e econômicos de determinada região. O Ministério do Meio Ambiente aponta que o turismo predatório pode acarretar o esgotamento dos recursos naturais, descaracterização cultural e ao desequilíbrio social.

Ao analisar a atividade turística do ponto de vista ecológico constata-se que apesar dos benefícios que oferece, principalmente econômico, crescimento desenfreado dessa atividade também pode provocar consequências desastrosas.

Um exemplo é que, em 2018, após sofrer por muitos anos com um turismo irresponsável e predatório, a paradisíaca praia de *Maya Bay* na ilha tailandesa de *Ko Phi Phi Lee*, passou um processo de fechamento para turistas devido ao estado do lugar (Figuras 01 e 02).

De acordo com o jornal *The Guardian* (2018), *Maya Bay* recebia até 5.000 turistas e 200 barcos por dia, resultando em uma receita anual de 9,5 milhões de libra esterlinas (R\$ 65.076548,50), mas que não justificou a degradação sofrida. Quase 80% dos recifes de corais do lugar foram destruídos, sendo os principais causadores dessa perda, hotéis da região, resíduos despejados no mar e âncoras dos barcos.

A ideia inicial era o fechamento do local por 3 meses, de junho a agosto, porém foi estendido por mais um mês. Nesse período de recuperação foram replantados mais de 1.000 corais, em 1 de outubro de 2018, foi anunciado que o turismo seria suspenso até o ecossistema local se recuperar completamente. A decisão recebeu apoio popular pois, além do turismo, a pesca era outra atividade econômica do local.

De acordo com a *BBC* (2018), após 6 meses fechado para a recuperação, já era possível notar sinais de melhora e recuperação em *Maya Bay*.

FIGURA 01 – Maya Bay.



FONTE: Site Vou na Janela.

FIGURA 02 – Maya Bay.



FONTE: Site Vou na Janela.

Guattari (1990) evidencia que o turismo sustentável está associado estreitamente ao entendimento sobre desenvolvimento sustentável e ao meio ambiente. O turismo sustentável se desenvolve em uma região de forma que garanta

a viabilidade de tempo indefinido sem degradar o ambiente, visando o bem-estar e desenvolvida de outras atividades e processos. (Butler, 1999).

É de conhecimento que as pessoas viajam em seus momentos de lazer, na maior parte das vezes, para conhecer novas culturas e paisagens. Para Langenbuch (1977), o movimento turístico pode ser diferenciado em áreas geográficas, possuindo áreas emissoras (locais onde residem os turistas), vias ou corredores de acesso (rotas onde os turistas se locomovem entre as áreas emissoras e as receptoras) e áreas receptoras (destinos de viagem).

Percebe-se que o crescimento da atividade turística oferece benefícios a uma localidade, como o aumento dos empregos, dos rendimentos, da infraestrutura e a possibilidade da diversificação das atividades econômicas. Todavia vale ressaltar que a falta de planejamento implica em múltiplos impactos negativos para o lugar, como a poluição visual, a descaracterização da paisagem natural e construída, a marginalização da população local, o encarecimento dos produtos, o aumento dos resíduos.

De acordo com Krippendorf (1989, p.187) a obtenção de lucro de uma forma que seja rápida e passageira traz consigo consequências nocivas à população e ao meio ambiente, de forma contrária ao lucro lento e duradouro. Quando há a necessidade de uma forma de aceleração de um processo, isso ocorre de forma não natural resultando na modificação de um espaço, ecossistema e perda da identidade. O lucro lento ocorre de forma natural, favorecendo o desenvolvimento local e a preservação do meio ambiente e seu ecossistema.

Portanto, o turismo somente pode consolidar-se em uma ferramenta essencial no desenvolvimento com a participação democrática e efetiva das comunidades locais, assim como uma visão sustentável e um planejamento territorial.

Devido aos bons números da atividade turística no Brasil e no mundo, algumas localidades (como Manhuaçu), tentam inserir-se no rol de destinos turísticos. Porém, para realização dele, utilizam de mecanismos que são relacionados ao turismo predatório, como a disneyficação.

2.2. Disneyficação

A “disneyficação” é o processo em que se transforma a história em um produto comercializável. Criado por Harvey (2000), “disneyficação” se define como uma reencantamento da natureza como item de consumo e um objeto central de comercialização, “disneyficando” nossa experiência com a natureza.

A disneyficação é um subproduto da gentrificação, em que há a expulsão dos moradores originais de um local ou região quando esta recebe algum megaprojeto ou um grande investimento por parte dos agentes construtores do espaço.

Para Harvey (2000, p.199) os aspectos que envolvem a “disneyficação” são:

- 1) uma fuga do mundo real;
- 2) uma criação para entretenimento;
- 3) criação de uma história;
- 4) cultivo de uma nostalgia de um passado mítico;
- 5) uma perpetuação de fetiche pela cultura da mercadoria;
- 6) um lugar limpo, sanitizado e esteticamente perfeito;

De acordo com Bryman (2004), a “disneyficação” é um fenômeno cada vez mais presente na sociedade americana e em todo o mundo.

Para sintetizar esse conceito, Bryman (2004) utilizou, como base, 4 itens:

1) tematização - onde um objeto ou instituição é colocado em uma narrativa que não tem relação com objeto ou instituição ao qual é aplicada.

2) consumo híbrido - onde múltiplas formas de consumo associadas se tornam interligadas.

3) merchandising - promoção e venda de bens ou serviços como objetos que contenham a imagem do local.

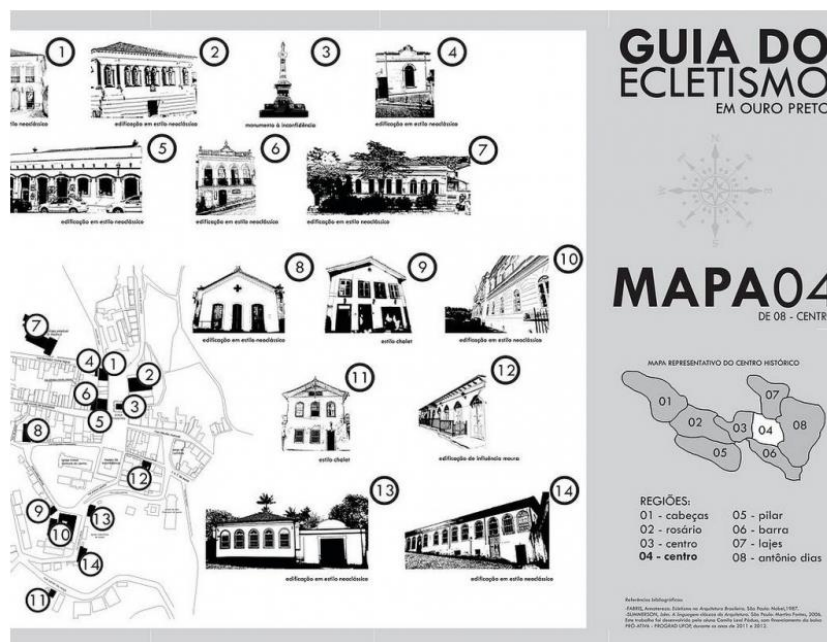
4) Trabalho performático - fazendo dos funcionários não só prestadores de serviço, mas também provedores de entretenimento.

Seguindo a mesma linha, Gabler (2009) diz que a figura da Disneylandia é enraizada na cultura e seus parques temáticos deram surgimento a uma nova caracterização do direito urbano. Devido ao fato de o lugar ter como base seus ideais de liberdade, ele se torna um ponto de fantasia, dando a ilusão de que ali todos os sonhos poderiam se tornar reais. O mundo encantado de Disney através de seus personagens se torna tão amado e copiado, gerando o efeito da "disneyficação".

Umas das cidades brasileiras que mais sofreu com a "disneyficação" foi Ouro Preto. Tombada em 1938 pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), Ouro Preto tem como história, ser no Brasil, o berço da arquitetura colonial e barroca. Devido ao seu potencial em ser um ponto turístico, sofreu com a "disneyficação" através da expulsão dos moradores nativos para fazer do centro da cidade, uma área comercial, com suporte e atrações para os turistas, além de toda ocupação dos casarões e nas novas construções que se passam por obras históricas.

Outra consequência da "disneyficação" em Ouro Preto foi que antes de seu tombamento, foram construídos casarões ecléticos em seu centro histórico, porém, com seu tombamento, esses casarões tiveram de passar por uma reforma estilística, para se adequarem ao estilo colonial que tanto se buscava na cidade. No século XXI, pode encontrar resquícios dessa arquitetura eclético em Ouro Preto, conforme figura 03 a seguir.

FIGURA 03 – Centro histórico de Ouro Preto



FONTE: Prefeitura Municipal de Ouro Preto.

"Disneyficação" para Nasser (2003, p.3) se dá ao transmitir o poder sobre o patrimônio cultural a empresas que tem intenção única e exclusivamente a obtenção de lucro, sendo capaz de criar história para despertar o interesse de turistas, mesmo sendo necessário a expulsão dos moradores tradicionais.

A "disneyficação" costuma ocorrer em locais onde o turismo é praticado de forma desordenada, sem responsabilidade, sem relação com a história e comunidades locais. Essas características são relacionadas ao turismo predatório e turismo de massa.

Manhuaçu é uma cidade polo cafeeira no Brasil. Por isso, decidiu-se por utilizar do grão para tentar alavancar o turismo local. Mas, para isso ocorrer, era necessária uma edificação que carregasse a história do grão. Só que, ao invés de utilizarem alguma das fazendas de arquitetura vernácula que o município possui ou construírem um projeto que se mostrasse contemporâneo, mas respeitando as características da arquitetura local e nacional, foi decidido pela construção de uma nova edificação, com características muito destoantes da arquitetura vernácula cafeeira e da arquitetura brasileira, trazendo uma arquitetura "europeizada". Para analisar essa nova edificação, é necessário que entenda um pouco sobre a arquitetura cafeeira tradicional.

2.3 Arquitetura das fazendas cafeeiras

Para adentrar na história da arquitetura cafeeira é necessário o entendimento sobre o patrimônio rural. Define-se como patrimônio rural:

O patrimônio cultural rural: elementos arquitetônicos e agroecológicos componentes do fabuloso patrimônio cultural existente no meio rural, tais como antigos casarões e senzalas, colônias e casas de trabalhadores dispersas construídas com técnicas tradicionais da arquitetura rural ou com materiais e técnicas alternativas de construção, toda a arquitetura vernacular que possa estar presente no espaço rural: antigas capelas rurais, antigos engenhos e casas de máquinas, o próprio maquinário desativado, antigos equipamentos de produção de energia (monjolo, rodas d'água, etc.), estruturas desativadas (como pontes, diques e barragens), o espaço físico destinado às manifestações culturais locais (praças, lagos, vilarejos, etc.), enfim, todo o ambiente construído que conforma o imenso patrimônio cultural rural. (FERRÃO, 2007, p. 95)

Entretanto, mesmo sendo exemplares do patrimônio rural, as antigas fazendas cafeeiras não obtiveram todos os cuidados necessários para a manutenção de sua história. Para Barros (2013, p. 69) alguns conjuntos de fazendas foram tratados de forma medíocre ou simplesmente abandonadas em um determinado período, perdendo a história junto de partes que formam todo o conjunto das fazendas.

Como complemento a essa linha, Carrilho (2006, p. 59) diz que pelo fato de a maioria das vezes restarem apenas o casarão ou edificação principal de um complexo bem maior, o observador não será capaz de compreender o quão grande e intenso era as atividades que ali aconteciam. O casarão é uma pequena parte de um conjunto composto por casas formando um pátio, moinho, engenho, tulha ou paiol, senzala, enfermaria, rancho, pouso, venda, casa do administrador, oficinas e um grande número de pessoas.

Durante a produção do café, existiam algumas etapas em que o fruto passava antes de estar pronto para o consumo. Após a colheita, o grão seguia para a etapa de seca que acontecia em terreiros. Finalizada a secagem, retirava-se a casca e iniciava a etapa de torra e moagem.

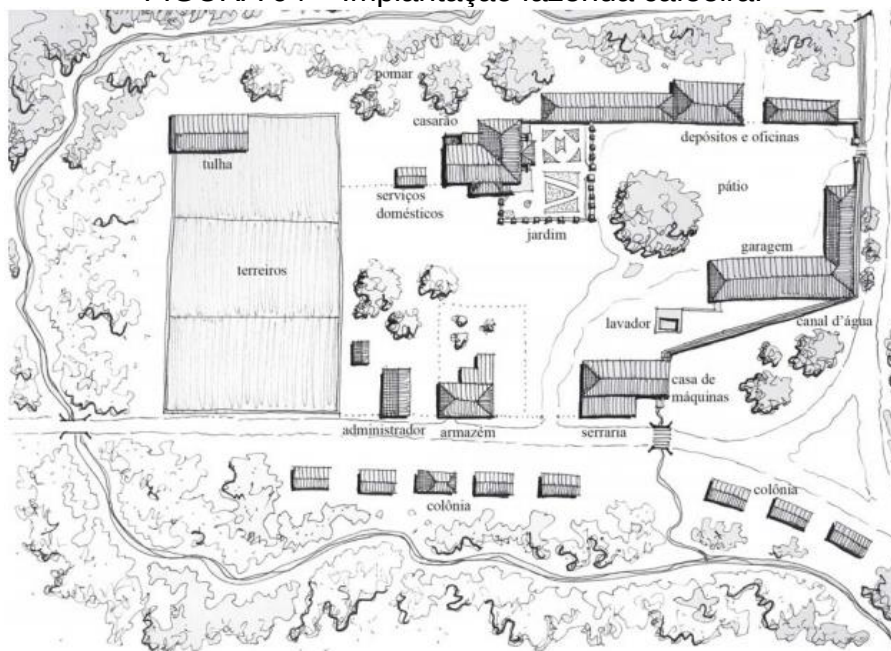
As fazendas não possuíam um modelo arquitetônico a ser seguido, o processo de construção e sua forma estava vinculada à sua região e terreno, permitindo vários formatos e uma diversidade no uso de materiais.

2.3.1 Implantação

Apesar de não possuir um modelo, havia fazendas que se assemelhavam na distribuição e posicionamento das construções. Para Benincasa (2007, p. 44) a implantação buscava deixar a fazenda mais funcional possível, favorecendo a fluidez do trabalho. Para facilitar o acompanhamento do trabalho que estava sendo feito e a observação do que acontecia na fazenda, posicionavam o casarão de forma estratégica, em um nível mais alto do que as demais edificações ou no mínimo em um nível igual, ao lado ou em frente aos terreiros. A implantação além de toda funcionalidade visava também uma organização hierárquica do lugar.

Com a água sendo a principal força para o funcionamento do maquinário, os terrenos acíves eram considerados melhores. O posicionamento de um ponto de trabalho perto de uma fonte de água, resultaria em um melhor aproveitamento e escoamento das águas utilizadas e da chuva. Eram feitos cortes e aterros para distribuição das edificações.

FIGURA 04 – Implantação fazenda cafeeira.



FONTE: BENINCASA, 2007.

2.3.2 Casarão

De acordo com o SEBRAE (2004, p. 23) O casarão provém de uma arquitetura que surgiu em Minas Gerais através dos colonizadores da região, mas se expandiu por toda região em que se fazia parte do ciclo do café.

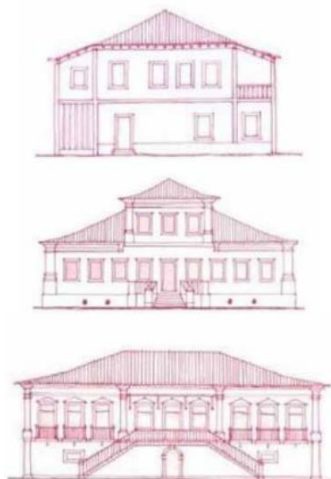
Os casarões eram construídos por meio do adobe, taipa de pilão, alvenaria de pedra e na maioria das vezes de pau-a-pique com estrutura viga-pilar feita em madeira sobre um baldrame também de madeira ou pedra. Quando as madeiras ficavam aparentes, elas ficavam em destaque através das cores fortes que se utilizavam em suas pinturas, como retrata o SEBRAE (2004, p. 64).

É constatado por Benincasa (2007, p. 77) que os casarões coloniais eram simples, sem muitos adornos e adereços, com alpendres que cobriam apenas a porta principal, com acesso através de escadas de pedras ou madeira. Possuíam grande

telhado, construídos com uma certa curva com finalidade de lançar a água da chuva o mais distante possível da construção.

Os casarões durante sua história de construção passaram por três fases com estilo arquitetônico diferente. Além do estilo colonial com construções menores e mais simples, surgiram o estilo neoclássico com plantas em U ou L e juntamente com o crescimento da produção cafeeira, suas dimensões também aumentaram. Por último, o estilo eclético.

FIGURA 05 – Edificações das três fases.



FONTE: SEBRAE, 2006.

2.3.3 Terreiro

No início do cultivo do café, os terreiros eram formados por terra batida, atendendo ao que era proposto. Entretanto a perda da produção nesses terreiros era grande além do fato de que todo ano eles teriam de ser refeitos. Logo surgiu a necessidade de terreiros mais resistentes, então surgiu os terreiros de pedras ou blocos, terreiros permanentes como é descrito por Novaes (s/d, 410).

A finalidade do terreiro era a secagem do grão, por isso selecionava a parte da fazenda com maior incidência solar, para potencializar o processo de secagem e evitar a perda de qualidade. Novaes (S/D, 411) diz que após o fruto ser lavado, era distribuído no terreiro em uma camada de aproximadamente 8 centímetros de espessura, espalhando e mexendo o fruto durante o dia enquanto a noite o fruto ficava junto e coberto para evitar contato com chuva. O tempo de secagem do fruto não possuía um valor exato e dependia do clima nos dias em que se fazia esse trabalho/serviço.

Esse processo era dos mais importantes pois estava diretamente ligado a qualidade do produto.

2.3.4 Paiol

De acordo com Benincasa (2007, p. 59) o paiol era fundamental para a fazenda, pois ali se armazenava toda a produção com os grãos secos durante a espera pela época em que se tinha a alta nos preços.

São edificações suspensas, constituídas por madeiras com finalidade de evitar o contato do grão com a umidade e conseqüentemente a perda de qualidade. Possuíam cobertura semelhante à do casarão, com telhas capa e bica e um telhado alongado afim de evitar o contato da chuva com a vedação da construção.

FIGURA 06 – Exemplo de paiol.



FONTE: Acervo do autor. 2019.

2.3.5 Engenho

No engenho que se garantia outra parte da qualidade do produto, ali acontecia os processos de torra e moagem dos grãos. O engenho era responsável por abrigar todos os maquinários utilizados na colheita e produção do grão. Uma edificação semelhante aos paióis.

Devido ao fato de algumas fazendas brasileiras não darem a atenção necessária a essa edificação, a qualidade do café produzido no Brasil ficou durante abaixo do potencial que tinha, se tornando inferior ao café de outras partes do mundo no fim só século XIX como afirma Benincasa (2007, p. 60). Posteriormente, ao final do século XX o Brasil conseguiu atingir um nível superior na questão da qualidade do fruto por rever as condições dos engenhos.

3. Metodologia

Para alcançar esse objetivo, dividiu-se a pesquisa em duas partes. Na primeira, estudou-se os conceitos relacionados ao turismo predatório e a disneyficação; a arquitetura vernácula das fazendas cafeeiras do século XX na região de Manhuaçu e da Zona da Mata Mineira; a história da produção do café em Manhuaçu e qual impacto do grão para a economia e o sentimento de pertencimento a região.

Na segunda parte, realizou-se um estudo de caso sobre a edificação Castelo do Café, qual sua influência no turismo local e se ela representa verdadeiramente a história do grão em Manhuaçu.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A cidade de Manhuaçu é localizada na região da Zona da Mata de Minas Gerais, a 250km de Belo Horizonte (figura 7). Possui em área territorial 628.318km² e aproximadamente 90.000 habitantes. A economia do município gira em torno do café que representa boa parte da renda do município e do comercio. Manhuaçu serve como auxílio para as cidades vizinhas por meio de ofertas de ensino, comercio e serviços de saúde.

FIGURA 07 – Localização da sede da cidade de Manhuaçu, Minas Gerais.



FONTE: Manhuaçu / Google Earth (2015). Adaptado por: Oliveira, Graça e Espíndula (2019).

De acordo com o IBGE (2019), o município possuía cerca de 25.629 pessoas ocupadas em estabelecimentos agropecuários. No município há cerca de 2822 estabelecimentos agropecuários, onde 2745 são estabelecimentos relacionados com o café.

Esse número representa que 97% dos estabelecimentos agropecuários do município são ligados ao café, então pode-se considerar que essa porcentagem de pessoas também trabalha com o fruto. Isso se reflete na diretamente na quantidade produzida na região e no valor da produção que são 21.338 toneladas do grão e R\$138.697.000,00 respectivamente.

5.Arquitetura cafeeira da Zona da Mata Mineira: Fazenda Carnaúba

A Fazenda Carnaúba está localizada no distrito de São Pedro, zona rural da cidade de Manhuaçu, com aproximadamente 25km de distância da sede do município integrante da Zona da Mata Mineira.

O terreno onde a fazenda está inserida é plano, a margem da principal estrada do Córrego Carnaúba que se desenvolve a direita da edificação. Ao seu lado esquerdo, há uma pequena área de matas que foi mantida ali pelos responsáveis da fazenda. O terreno frontal e o posterior a fazenda possuem edificações mais novas e com características diferentes da Fazenda Carnaúba.

5.1 Histórico

Construída aproximadamente no ano de 1895, a edificação principal tinha como objetivo ser a residência da família Costa quando Estevam Costa se casou com Bonifácia Gomes Costa. Nessa edificação nasceu o Adão Gomes Costa filho de Estevam e Bonifácia. A atual responsável pela fazenda é Joana Darck, filha de Adão Gomes Costa.

Construída com objetivo ser sede do cultivo cafeeiro da família, na Fazenda Carnaúba havia o cultivo de cana, milho e feijão, além da criação de animais

Com o passar do tempo algumas partes da fazenda se perderam, como o engenho e a edificação secundária ao lado da principal.

Atualmente não há moradores na fazenda, ela é utilizada pelos herdeiros como ponto de encontro aos fins de semana e local para comemorações da família.

5.2 Descrição

A implantação conta com um terreno plano de dimensão 53,61 x 57,30 e estilo colonial com a edificação em formato de L centralizado no terreno. O terreiro de terra batida em frente a sua fachada principal é usado para a secagem do fruto e possui uma mata a sua direita preservada pelos responsáveis da fazenda. A estrada de acesso fica localizada a sua esquerda.

FIGURA 08 – Fazenda Carnaúba



FONTE: Acervo do autor, 2021.

A edificação principal possui planta em L, apenas um pavimento, com estrutura feita através de baldrame de madeira e alvenaria de pau-a-pique (Figura 09), as portas e janelas são de madeira, tingidas com azul forte para se destacarem da alvenaria caiada – a caiada era utilizada em casas antigas, o processo consistia em fazer uma mistura de cal com água e aplicar nas paredes (Figura 10). O piso é feito de tábuas corridas (figura 11) e o forro de esteira de taquara (figura 12). Possui um telhado formado por estrutura de madeira e telhas de barro dividido em 6 águas.

FIGURA 09 – Alvenaria



FONTE: Acervo do autor, 2021.

FIGURA 10 – Fachada



FONTE: Acervo do autor, 2021.

FIGURA 11 – Piso



FONTE: Acervo do autor, 2021.

FIGURA 12 – Forro



FONTE: Acervo do autor, 2021.

5.3 Estado de Conservação

Atualmente o estado de conservação da fazenda em sua maioria está regular, apenas a estrutura do piso e algumas tabuas estão em um estado de maior desgaste, por esse motivo a edificação principal está passando por uma manutenção e troca das madeiras do piso.

Devido ao fator histórico que ela possui, a Fazenda Carnaúba merece mais atenção vinda do poder público, podendo utilizar do seu aspecto e finalidade para se inserir no circuito do café, trazendo toda narrativa que possui uma verdadeira fazenda cafeeira.

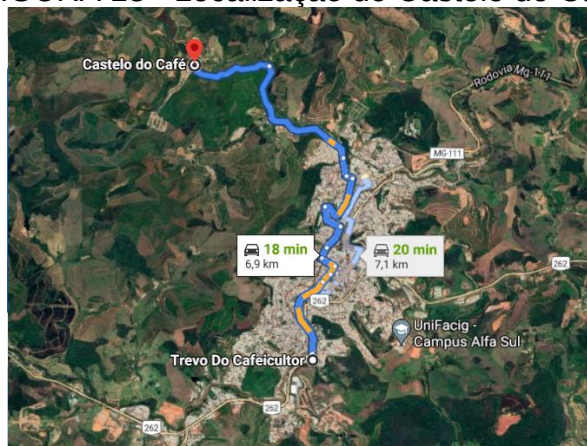
6. Turismo e a negação da história: O Castelo do Café

O empreendimento Castelo do Café está localizado no bairro Coqueiro Rural, aproximadamente 5 km do centro de Manhauçu e 7 km do trevo do cafeicultor na BR-262, principal rota de acesso a cidade.

O terreno que abriga o Castelo do Café possui um leve aclive com exceção do seu estacionamento lateral. Ao Oeste está localizado o loteamento Alphaville, após a

principal estrada de acesso local e a leste se desenvolve o condomínio Jardins do Castelo.

FIGURA 13 - Localização do Castelo do Café



FONTE: Google Maps, 2021.

6.1 Histórico do Castelo do Café

O conceito e criação do Castelo do Café partiu da ideia de criar um galpão para auxiliar na produção e venda do café produzido pela família. Visavam ter no galpão as características de um castelo. Com o desenvolvimento da ideia, foi proposto a criação de um castelo com características mediáveis a fim de fortalecer a marca dos cafés da família, concentrar a produção da bebida e se tornar um ponto turístico relacionado a principal fonte de movimentação econômica da cidade e toda sua região.

A característica pensada para o Castelo do Café se torna curiosa partindo do ponto em que no Brasil, não há arquitetura medieval, sendo pensada a partir de um modelo eurocentrizado e elitizado.

A construção se iniciou em outubro de 2016 e teve a inauguração no dia 15 de novembro de 2018, surgindo uma edificação diferente das tradicionais edificações cafeeiras da região, se destacando e despertando o interesse turístico, além da vontade de adquirir os produtos ofertados por seus idealizadores.

O Castelo do café é uma obra criada exclusivamente para o turismo no âmbito financeiro trazendo consigo o turismo predatório por causar impactos culturais e sociais devido a perda da identidade local.

FIGURA 14 - Edificação Castelo do Café



FONTE: Site Oficial Castelo do Café.

O Castelo do Café é valorizado e exaltado pelo fato de ser o único castelo do mundo totalmente dedicado ao café e suas etapas de cultivo, preparação e degustação da bebida. Mesmo com essa valorização, o Castelo do Café não possui conexão alguma com a verdadeira arquitetura cafeeira existente na história. Levando em consideração termos históricos, o local é apenas uma edificação que prepara e serve o café e bebidas derivadas aos turistas, criando uma história irreal sobre a produção e arquitetura por trás do grão.

6.2 Descrição Castelo do Café

A implantação possui uma área de construção com 1400m², no estilo medieval, possuindo como base as características dos castelos situados na região da Baviera na Alemanha e nos castelos italianos. O Castelo do Café oferece uma área temática que proporciona a sensação de estar em um lugar distante da nossa região, a sensação se intensifica com a caracterização dos funcionários.

Devido estar distante da arquitetura cafeeira vista na Fazenda Carnaúba, por exemplo, percebe-se que o Castelo do café é um fruto da Disneyficação, transformando a história em um produto comercializável, trazendo consigo uma fuga do mundo real e entretenimento através de sua estética e caracterização de seus funcionários.

FIGURA 15 - Implantação Castelo do Café



FONTE: Site Oficial Castelo do Café.

A edificação possui estrutura mista com alvenaria estrutural e grandes torres feitas em blocos de cerâmica maciços (figura 16), enquanto nas fazendas utilizavam o pau-a-pique como método construtivo. O Castelo do café possui uma grande diversidade de materiais em seu piso, com partes em pedras, concreto, placas de cimentícias (figura 17), piso cerâmico e uma pequena parte em madeira. A variedade dos materiais utilizados no piso da edificação, destoa dos comuns assoalhos encontrados nas fazendas cafeeiras da região.

O Castelo do Café possui janelas em madeira e vidro com bordas em blocos cimentícios (figura 18), diferente das grandes janelas das edificações rurais, construídas inteligente de madeira. Os telhados são outra parte em que não há semelhança nos materiais utilizados na construção. O Castelo do Café possui um telhado de suas torres formado por estrutura metálica e telhas de fibra (figura 19), enquanto outra parte da edificação possui laje. Já o telhado das fazendas possui estrutura de telhado feito por madeiras e coberto por telhas de barro.

Nota-se a inversão de valores quando se tem uma edificação que não se relaciona com a história da região e tampouco com o fruto, se tornando o principal ponto turístico do município enquanto a verdadeira arquitetura cafeeira se perde por falta de incentivos e atenção.

FIGURA 16 - Fachada lateral



FONTE: Site Oficial Castelo do Café.

FIGURA 17 – Detalhe do piso



FONTE: Acervo do autor, 2021

FIGURA 18 - Janelas



FONTE: Site Oficial Castelo do Café.

FIGURA 19 -Telhado



FONTE: Acervo do autor, 2021.

A obra possui um interior requintado, com grandes itens que se remete ao luxo e grandeza. Lustres, revestimentos, poltronas, cadeiras e itens de decoração (figuras 20, 21, 22 e 23). O Castelo do Café é o inverso a arquitetura cafeeira. As fazendas eram simples e modestas, de cor comumente branca e seu destaque ficava por conta das cores escuras nas madeiras aparentes.

FIGURA 20 - Lustre



FONTE: Acervo do autor, 2021.

FIGURA 21 - Revestimento



FONTE: Site Oficial Castelo do Café.

FIGURA 22 - decoração



FONTE: Acervo do autor, 2021.

FIGURA 23 - Revestimento e decoração



FONTE: Acervo do autor, 2021.

7.CONCLUSÃO

O turismo é um importante meio que vem auxiliando o desenvolvimento das cidades e regiões. Por vezes, esse ocorre de forma desordenada, acarretando grandes impactos que atingem todas as esferas da sociedade: recursos que se esgotam, identidade local que se perde e economia que se defasa.

Tentando se inserir no cenário turístico nacional, Manhuaçu utiliza-se da imagem do Castelo do Café. Porém, ao tentar inserir-se nesse cenário, a cidade está investindo em um turismo disneyficado e predatório, pois a edificação não representa a arquitetura tradicional das fazendas cafeeiras de Minas Gerais, trazendo consigo uma fuga do mundo real e a criação de uma nova história para o lugar, acarretando perda da identidade local.

Conforme visto na pesquisa, medidas devem ser tomadas a fim de valorizar a real história da região, utilizando o que a cidade tem de melhor para um bom desenvolvimento e crescimento, evitando o turismo predatório e a disneyficação, que trazem consigo impactos sociais, culturais e econômicos.

8. REFERÊNCIAS

BARROS, Júlio Cesar Victoria; BARROS, Alzira; MARDEN, Sanzio. **Restauração do patrimônio histórico: uma proposta para a formação de agentes difusores**. São Paulo: Editora SENAI-SP, 2013. 171. p.

BBC. **A famosa praia em que ninguém pode pôr o pé**.2019.

Disponível em:<<https://g1.globo.com/natureza/desafio-natureza/noticia/2019/02/21/a-famosa-praia-em-que-ninguem-pode-por-os-pes.ghtml> >. Acesso em: 27 mar. 2021.

BENINCASA, Vlamir, **Fazendas Paulistas: Arquitetura rural no ciclo do café**, 2007, 264p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2007.

BRYMAN, A. **The Disneyization of Society**. 1. ed. Londres: Sage Publications, 2004.

BUTLER, R.W. **Sustainable tourism – a state of art review**. **Tourism Geographies: an international journal of tourism space, place and environment**, Florence, n.1, v.1, p.7-25, feb. 1999.

COLDWELL W. **Thailand bay made famous by The Beach closed indefinitely**. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/03/thailand-bay-made-famous-by-the-beach-closed-indefinitely> >. Acesso em: 27 mar. 2021.

COOPER, C. **Turismo, princípios e prática**. Org. Chris Cooper, John Fletcher, Stephen Wanhill, David Gilbert, Rebecca Shepherd; trad, Roberto Cataldo Costa – 2 ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

FERRÃO, André Munhoz de Argollo. Arquitetura real e espaço não-urbano. **Labor & Engenho**, Campinas, v1. n1, p.89-112, 2007.

GABLER, N. **Walt Disney: o triunfo da imaginação americana**. Osasco: Novo Século Editora, 2009.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas: Papirus, 1990.

HARVEY, David. **Spaces of Hope**. Berkley: University of California Press, 2000

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/manhuacu/> >. Acesso em: 24 jun, 2021.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo – Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: ed. Civilização Brasileira, 1989.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo. Para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2003.

LANGENBUCH, J. R. **Os municípios turísticos do estado de São Paulo: determinação e caracterização geral**. Revista Brasileira de Geografia – vol. 2 n 3. Rio de Janeiro: IBGE, 1977.

NASSER, Noha. Planning for urban heritage places: reconciling conservation, tourism and sustainable development. **Journal of Planning Literature**, Pennsylvania, v. 17, n. 4, p. 467-479, mai. 2003.

NOVAES, Alcino. **Apaisagem da fazenda cafeeira através da iconógrafa no sec XIX**. Disponível em <<http://institutociadavida.otg.br/inventario/sistema/wp-contest/uploads/2009/11/25/alcino-novaes.pdf>>. Acesso em: março, 2021.

MANHUAÇU. Castelo do Café.2021. Disponível em: <<https://www.castelodocafe.com.br/>>. Acesso em: 29 mar, 2021.

OLIVEIRA, Timóteo Emerick; GRAÇA, Melanie Marian; ESPINDULA, Lidiane. RIO MANHUAÇU (MG): O REFLEXO NA CIDADE. **Pensar Acadêmico**, v. 17, n. 1, p. 75-91, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO (OMT). **Turismo internacional: uma perspectiva global**. 2.ed. (trad. Roberto Costa). Porto Alegre: Bookman, 2003.

PETERSEN H. **Thailand's Maya Bay, location for The Beach, to close to tourists**.2018.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2018/oct/03/thailand-bay-made-famous-by-the-beach-closed-indefinitely>>. Acesso em: 27 mar. 2021.

SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO AS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS(.org). **Ouro café açúcar sal**: Projeto inventario de bens culturais, Rio de Janeiro SEBRAE-RJ editora,2004. 114 p.

VOUNAJANELA. **Maya Bay fechada e o turismo predatório na Tailândia**. 2018. Disponível em: < <https://www.vounajanela.com/tailandia/maya-bay-esta-fechada/> >. Acesso em: 27 mar. 2021.